



## → JARDINS PRIVADOS • 1.º PRÉMIO

ANFITEATRO COLINA DE CAMÕES, COIMBRA

# Uma peça do jardim

Ao invés de criar uma “densa parede de bancadas”, a arquitecta paisagista Cristina Castel-Branco privilegiou a abordagem artística, integrando a cultura na paisagem. A função ecológica exigida pelo programa não põe em causa o efeito estético.

Cultura e ecologia confluem para um mesmo objectivo no projecto do Anfiteatro Colina de Camões, em Coimbra, onde a criação de uma obra de arte a céu aberto se conjuga com a necessidade de controlo de cheias. A obra, encomendada pela Fundação Inês de Castro, foi projectada por Cristina Castel-Branco, do *atelier* ACB – Arquitectura Paisagista. A intervenção global incide sobre uma área de 5900 m<sup>2</sup>, tendo implicado um investimento de 150 mil euros.

O desafio era desenvolver um espaço passível de acolher grandes espectáculos culturais, desde eventos musicais, teatro, poesia ou cinema e, para tal, aproveitou-se uma colina artificial

pré-existente, de 15 metros de altura, situada entre o novo edifício do hotel e o tanque da Fonte das Lágrimas, e um prado com cerca de 3000 m<sup>2</sup>. As bancadas em pedra surgem imersas neste manto verde, potenciando jogos estéticos de luz e sombra, numa abordagem próxima da Land Art. “Evitou-se fazer um anfiteatro que criasse uma densa parede de bancadas, sempre vazias, com um palco espectador que provocasse a sensação de estar incompleto, flutuando no jardim”, justifica a memória descritiva do projecto. Este anfiteatro, com capacidade para 1000 lugares, funciona antes como “uma peça do jardim”, que pode ser animada por artistas e público, mas que possui “beleza própria, mesmo em silêncio e sem gente”. Este ponto de estadia também “desvenda uma vista nova” sobre a colina histórica de Coimbra.

Mas o anfiteatro, na descrição da autora, é como “a ponta de um icebergue”, visto que foi construído “para resolver um problema grave de inundações”, que após grandes chuvadas, “surgia de nascentes da mata por cima da Fonte das Lágrimas e avançava sobre o

prado em lençóis de lama para dentro das caves do hotel”.

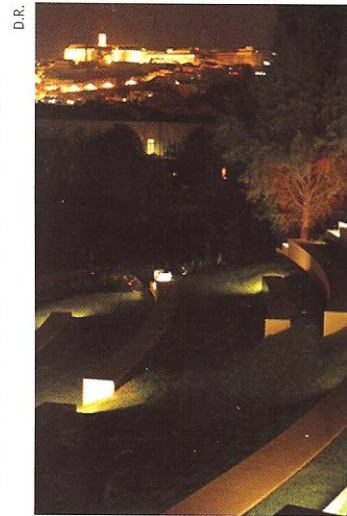
Desenvolveu-se, portanto, “uma área bem drenada” através da canalização e restauro do canal que levava água para o lagar da quinta, datado dos séculos XVI e XVII, e desenhou-se uma barragem de terra com 1,2 metros de altura, calculada para conter as águas e revestida por um prado florido”.

Os cálculos de engenharia hidráulica foram feitos pelo engenheiro Jorge Frois, que integrou a equipa de projecto e a intervenção contou com o apoio financeiro concedido à “Recuperação de estruturas hidráulicas, muros e pavimentos” em jardins históricos, no âmbito do Programa EEAGrant.

A água sobrando do lago da Fonte das Lágrimas vai ter a um lago redondo de 18 metros de diâmetro com uma capacidade 300 m<sup>3</sup>, onde as sequóias centenárias da envolvente surgem espelhadas. Em dias de espectáculo, quando o palco é instalado tangencialmente à água, são a colina e as bancadas que aparecem reflectidas no lago, da perspectiva de quem está no palco, ou a imagem dos artistas para quem assiste.



D.R.



D.R.

O “principal constrangimento”, a memória descritiva do prado “residiu na altíssima carga cultural simbólica do lugar”, no qual se encontram obras construídas ao longo do período de 700 anos. Os elementos propostos entram em diálogo com a história, completando “um ciclo de sete séculos de jardins”.

João

